

1^a

Série

Filosofia

**MATERIAL
DIGITAL**

Impasses ético-políticos do problema do conhecimento

**3º bimestre
Aula 10**

**Ensino
Médio**



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Conteúdos

- O ceticismo de David Hume e o desafio à noção de causalidade;
- As consequências ético-políticas do ceticismo de Hume, segundo Immanuel Kant;
- A filosofia crítica de Immanuel Kant como resposta ao desafio cético posto por Hume.

Objetivos

- Analisar o ceticismo de David Hume e o desafio que ele coloca à noção de causalidade;
- Analisar as consequências ético-políticas do ceticismo de Hume, conforme as interpretações de Kant.

Para começar

 3 minutos

 **COM SUAS PALAVRAS**

Conversem em turma:

O Sol nasce todos os dias.

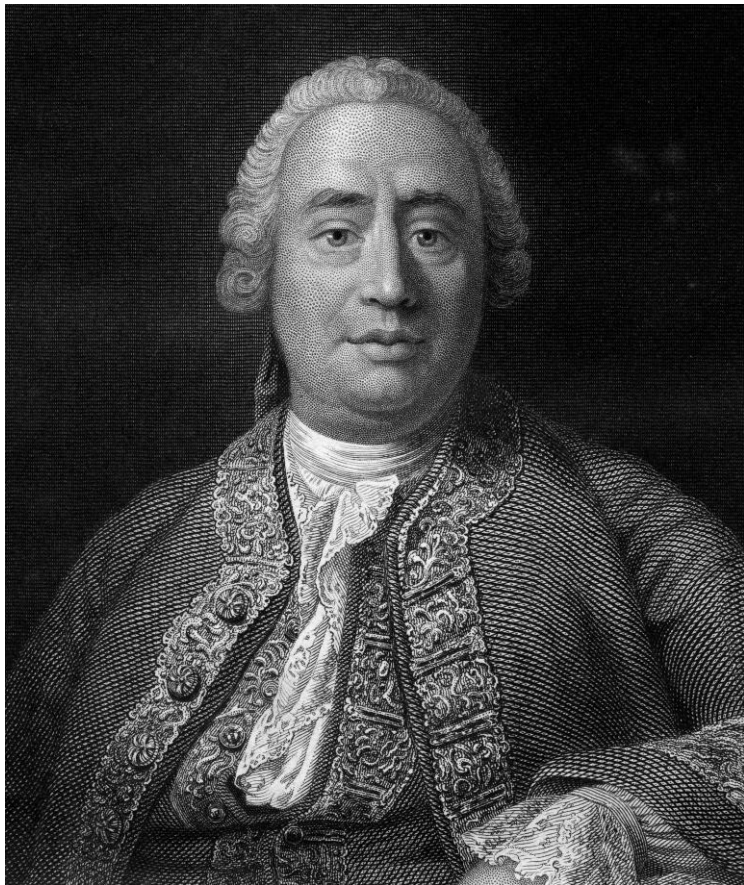
Qual é a garantia de que isso vai acontecer amanhã?

Mais um dia de sol.

© Getty Images



Empirismo e ceticismo em Hume



David Hume.

David Hume (1711-1776) foi um filósofo escocês. Conforme estudamos na aula passada, Hume foi um filósofo empirista. Para ele não podemos ter certeza absoluta sobre o mundo, apenas expectativas baseadas no hábito.

“

David Hume, no século XVIII [...] preconizou o método de investigação apoiado na generalização. Para ele o conhecimento se inicia com as percepções individuais, que podem ser impressões ou ideias [...]. O sentir (impressão) distingue-se do pensar (ideia) apenas pelo grau de intensidade. Além disso, as impressões são sempre anteriores às ideias, e estas são dependentes daquelas.

(Maria Lúcia de Arruda Aranha, 2024)

Empirismo e ceticismo em Hume

Veja a seguir alguns conceitos fundamentais para conhecer o empirismo e o ceticismo de Hume.

1

Percepções

Segundo Hume, todo conhecimento tem início nas percepções: **impressões** (anterior às ideias; mais vivas e intensas), e **ideias** (decorre das impressões).

2

Relação de ideias

A mente organiza as ideias por meio da imaginação, combinando-as e associando-as por **semelhança, contiguidade e causa e efeito**.

3

Causalidade

Hume afirma que não percebemos a causa, apenas a **sequência de eventos**. A ideia de causa surge do **hábito** de observar repetições.

4

Ceticismo

Ele defende que o conhecimento humano é limitado e baseado em **probabilidades**, não em certezas absolutas.

“Relações de ideias” e “questões de fato”

Para David Hume, todo conhecimento humano se divide em relações de ideias e questões de fato:

| Relações de ideias | Questões de fato |
|---|---|
| São verdades necessárias e universais. | São fatos contingentes. |
| Não depende da experiência sensível. | Depende da experiência sensível. |
| Baseadas na razão, produzem certeza. | Baseadas na experiência, produzem apenas probabilidade. |
| Sua negação gera contradição lógica. Seu contrário não pode ser concebido. Estão presentes na matemática e na lógica. | Sua negação não é contraditória, apenas improvável. Baseiam-se na observação e no hábito. |

Ceticismo em Hume

As questões de fato são relações criadas pela **repetição** de várias impressões ao longo do tempo. São apenas fruto do **hábito**. Por exemplo: com nossa visão, percebemos o Sol nascer todos os dias. Então, nós estabelecemos a relação de causa-consequência:

- o Sol nasceu várias vezes no passado;
- logo, o Sol continuará a nascer no futuro.

No entanto, Hume argumentava que essa relação **não é necessária**, apenas **provável**.

Destaque



Hume não negava a realidade. O que ele propunha era um exercício mental: nós podemos **conceber** o Sol não nascendo. Isso significa que não existe nada que comprove com certeza a causa (vi o Sol nascer várias vezes) com a consequência (o Sol nascerá amanhã).



Relações de causalidade e ceticismo



De acordo com David Hume, a imaginação é um feixe de percepções unidas por associação com base na semelhança, na contiguidade (no espaço ou no tempo) e na relação de causa e efeito. No entanto, essas relações não podem ser observadas, uma vez que não pertencem aos objetos. As relações são apenas modos pelos quais passamos de um objeto a outro.

[...] É o hábito criado pela observação de casos semelhantes que nos faz ultrapassar aquilo que é dado aos sentidos e afirmar mais do que a simples experiência pode alcançar [...].

David Hume admitiu seu ceticismo ao reconhecer os limites muito estreitos do entendimento humano. Mais do que isso, ponderou que estamos subjugados pelos sentidos e pelos hábitos, o que reduz nossas certezas a simples probabilidades [...].

(Maria Lúcia de Arruda Aranha, 2024)

Se desejar conhecer o texto na íntegra, leia no livro didático **Moderna Plus Filosofia**, 2024, página 52.



Pause e resposta

 2 minutos

Relações de causalidade e ceticismo

Sobre a relação entre causalidade, hábito e conhecimento, a partir do pensamento filosófico de Hume, podemos afirmar que:

a relação de causa e efeito é uma conexão necessária observável nos próprios objetos, garantindo certezas absolutas no conhecimento humano.

a relação de causa e efeito não é observável nos objetos, sendo resultado do hábito de associar eventos, o que torna o conhecimento baseado em probabilidades.



Pause e resposta

Relações de causalidade e ceticismo

Sobre a relação entre causalidade, hábito e conhecimento, a partir do pensamento filosófico de Hume, podemos afirmar que:



a relação de causa e efeito é uma conexão necessária observável nos próprios objetos, garantindo certezas absolutas no conhecimento humano.

a relação de causa e efeito não é observável nos objetos, sendo resultado do hábito de associar eventos, o que torna o conhecimento baseado em probabilidades.



(ENEM 2020) Adão, ainda que supuséssemos que suas faculdades racionais fossem inteiramente perfeitas desde o início, não poderia ter inferido da fluidez e transparência da água que ela o sufocaria, nem da luminosidade e calor do fogo que este poderia consumi-lo. Nenhum objeto jamais revela, pelas qualidades que aparecem aos sentidos, nem as causas que o produziram, nem os efeitos que dele provirão; e tampouco nossa razão é capaz de extrair, sem auxílio da experiência, qualquer conclusão referente à existência efetiva de coisas ou questões de fato. HUME, D. **Uma investigação sobre o entendimento humano**. São Paulo: Unesp, 2003

Segundo o autor, qual é a origem do conhecimento humano?

- A) A potência inata da mente.
- B) A revelação da inspiração divina.
- C) O estudo das tradições filosóficas.
- D) A vivência dos fenômenos do mundo.
- E) O desenvolvimento do raciocínio abstrato.

Correção

- ✗ A) **Incorreta.** Hume rejeita o inatismo. Para ele não nascemos com ideias prontas. O conhecimento tem origem nas impressões sensíveis.
- ✗ B) **Incorreta.** O empirismo de Hume não recorre a explicações religiosas para a origem do conhecimento, mas à experiência.
- ✗ C) **Incorreta.** Segundo Hume, o conhecimento não se origina do estudo de ideias já formuladas, mas da relação direta com o mundo sensível.
- ✓ D) **Correta.** No excerto, Hume afirma que não podemos, apenas pela razão, deduzir os efeitos das coisas (como a água sufocar ou o fogo queimar). Só aprendemos sobre as coisas e seus efeitos vivenciando os fenômenos. Portanto, o conhecimento humano deriva da vivência dos fenômenos do mundo.
- ✗ E) **Incorreta.** Para Hume, a razão sozinha não produz conhecimento. Segundo Hume, a razão apenas organiza ideias provenientes da experiência.

O problema do conhecimento: criticismo kantiano

A filosofia de Hume causou um grande impacto em Immanuel Kant (1724-1808) “*foi a lembrança de David Hume que interrompeu meu sono dogmático.*”

Para Kant, a conclusão cética extraída da filosofia de Hume potencialmente leva a consequências graves no plano da epistemologia, da ética e da política.

Se tudo depende da experiência e do hábito, não há base segura para normas éticas universais. Por isso, Kant propõe uma filosofia que restabeleça a razão como fundamento da moral e da política, evitando o relativismo.



Immanuel Kant (1724-1808).



O problema do conhecimento: criticismo kantiano

“

[...] Sua filosofia é chamada *criticismo* porque, diante da pergunta “Qual é o verdadeiro valor de nossos conhecimentos e o que é conhecimento?”, Kant coloca a razão em um tribunal para julgar o que pode ser conhecido legitimamente e que tipo de conhecimento é infundado. [...] Segundo o próprio Kant, a leitura da obra de Hume o despertou do “sono dogmático” em que estavam mergulhados os filósofos que não questionavam se as ideias da razão correspondem mesmo à realidade.

Kant pretendia superar a dicotomia racionalismo-empirismo: condenou os empiristas (tudo que conhecemos vem dos sentidos) e não concordou com os racionalistas (tudo quanto pensamos vem de nossa reflexão interior). Do mesmo modo, não aceitava o ceticismo de Hume.

(Maria Lúcia de Arruda Aranha, 2024)

Se desejar conhecer o texto na íntegra, leia no livro didático
Moderna Plus Filosofia, 2024, página 53.

O problema do conhecimento: criticismo kantiano

Kant identifica no ceticismo de Hume condições para enfraquecer a ideia de princípios universais, comprometendo orientações para a vida moral e política.

Epistemologia

A ciência perde a necessidade, tornando o conhecimento humano um mero fruto do hábito.

Ética

A moral se torna subjetiva, sem ter algum ponto comum que unifique os humanos.

Política

As leis se tornam apenas convenções e a justiça pode variar de acordo com interesse, sem ter como garantir a paz.

Estrutura *a priori* e conteúdo *a posteriori*

Ao despertar do “sono dogmático”, Kant busca reconstruir os fundamentos da razão. Nesse processo, coloca a razão em uma nova posição. Agora, não é mais a mente que se molda aos objetos, mas os objetos que se moldam às estruturas da mente. Assim, Kant une o **racionalismo** (conceitos *a priori*) e o **empirismo** (dados sensoriais), defendendo que o conhecimento é construído pela síntese desses dois elementos.

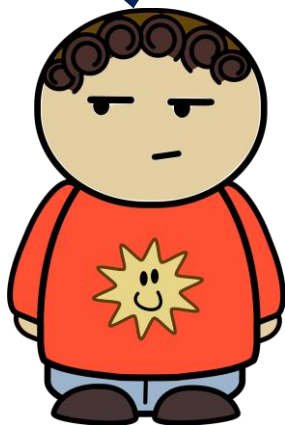
Para Kant a **razão** é forma pura, sem conteúdo, uma **estrutura *a priori*** com que os seres humanos nascem e que é universal, independentemente de época ou lugar. Já o **conteúdo da razão é *a posteriori***: adquirido pela experiência.

“

A priori: expressão latina que designa algo estabelecido sem o auxílio da experiência; é o oposto de ***a posteriori***, expressão latina que designa aquilo que é estabelecido posteriormente à experiência.

(Maria Lúcia de Arruda Aranha, 2024)

Não entendi o que tem a ver a formação do conhecimento humano com a relação entre matéria e forma. Alguém pode me dar um exemplo?



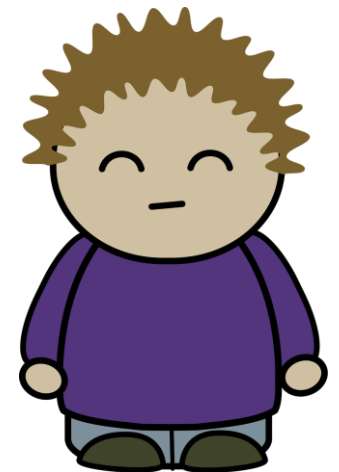
© Pixabay

Para Kant, o conhecimento é formado por matéria e forma. A mente humana já possui uma estrutura própria (forma) que é anterior à experiência, *a priori*. Essa forma (nossa mente) recebe e organiza as nossas percepções e experiências e aí temos o conhecimento.



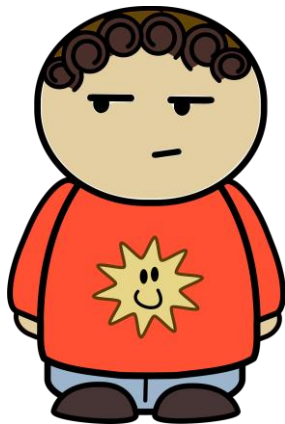
© Pixabay

Por exemplo, imagine um copo com água. A nossa mente seria como um copo que já tem uma forma própria, mas só ganha conteúdo quando é preenchido pela água. E a água, por sua vez, ganha forma ao preencher o copo.



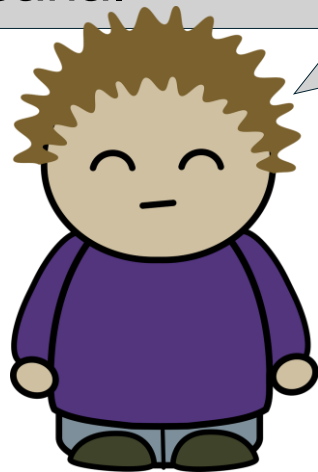
© Pixabay

Muito bem
espertinhos, mas
como essa relação
matéria e forma se
aplica na ética e na
política?



© Pixabay

Sendo a razão a forma que
recepçiona e organiza as nossas
experiências, será a razão que
determinará o agir moral que, por
ser racional, não deverá ser
subjetivo, nem relativo. Para Kant
é a razão que define suas
próprias leis de forma universal e
necessária.



© Pixabay

Uma ética universal e
necessária leva à
construção de
organizações sociais e
leis coerentes com os
princípios racionais.



© Pixabay



Descubra qual excerto faz referência à filosofia de Hume e qual faz menção ao pensamento filosófico de Kant.

Excerto 1



O agir moral se funda exclusivamente na razão. A lei moral que a razão descobre é universal, pois não se trata de descoberta subjetiva (mas da pessoa como ser racional).

Excerto 2



[...] uma vez que a razão se ocupa de relações entre ideias ou de questões empíricas, ela seria por si só insuficiente para explicar nossas ações e fundamentar o caráter moral das mesmas.

Correção

Excerto 1

“

O agir moral se funda exclusivamente na razão. A lei moral que a razão descobre é universal, pois não se trata de descoberta subjetiva (mas da pessoa como ser racional).

(Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, 2003)

Excerto 2

“

[...] uma vez que a razão se ocupa de relações entre ideias ou de questões empíricas, ela seria por si só insuficiente para explicar nossas ações e fundamentar o caráter moral das mesmas.

(Danilo Marcondes, 2009)

Excerto 1: aborda a filosofia de Immanuel Kant.

Excerto 2: aborda a filosofia de David Hume.

Encerramento



Situação:

Você acorda e ao abrir a janela observa que as nuvens estão escuras e carregadas. Então, decide levar um guarda-chuva ao sair de casa.

O que justifica essa decisão? Ela está baseada em uma verdade universal e necessária ou tem como base experiências passadas que se tornaram hábito.

Segundo Hume, a ideia de que “vai chover” é uma questão de fato baseada na experiência passada. Ou seja, você não tem garantia absoluta de que choverá – apenas espera que o futuro se comporte como o passado.

Para refletir



Nossas decisões cotidianas são realmente racionais ou apenas baseadas em hábito?

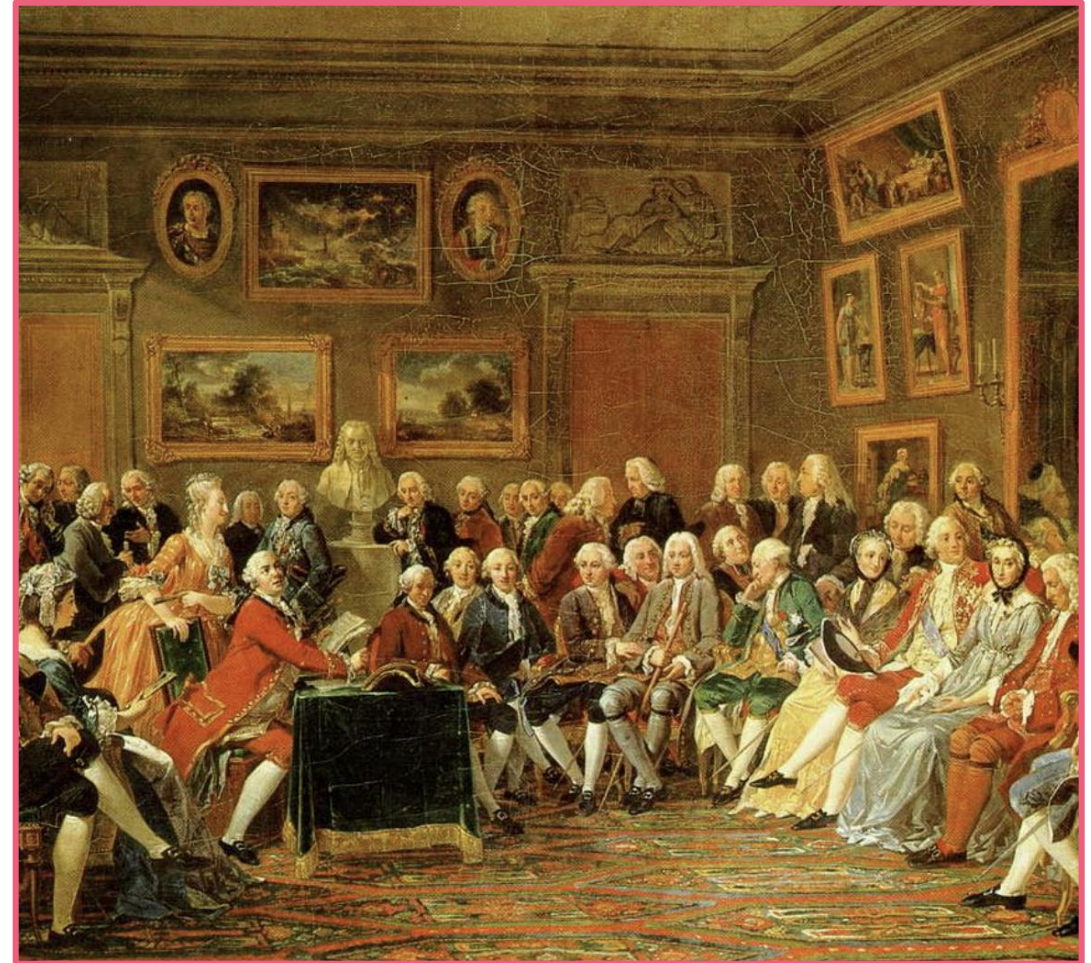
Você acredita que muitas decisões são tomadas na esperança de que o futuro se comporte como o passado?

Resumo

David Hume foi um filósofo empirista que analisou que o conhecimento humano baseado nas relações de causa e consequência são frutos do hábito, e não de relações necessárias.

De acordo com Immanuel Kant, essa consideração leva risco a diversas áreas, como a negação do conhecimento e a relativização da ética e da política.

Por isso, Kant propôs que a razão humana constitui nosso conhecimento, orientando de forma racional e universal a compreensão do mundo exterior.



Salão de Madame Geoffrin, retratando pensadores iluministas.

Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Salon_de_Madame_Geoffrin.jpg. Acesso em:
08 mar. 2026.

Referências

ARANHA, M. L. de A. **Moderna Plus Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2024.

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1992.

BUCKINGHAM, W. et al. **O livro da Filosofia**. São Paulo: Globo, 2011.

HUME, D. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: Unesp, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)**, 2020. Prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Prova de Ciências Humanas e suas Tecnologias, 1º dia, Caderno 1 – Azul. Disponível em:

https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2020_PV_impresso_D1_CD1.pdf.

Acesso em: 08 mar. 2026.

LEMOV, Doug. **Aula nota 10 3.0**: 63 técnicas para melhorar a gestão da sala de aula / Doug Lemov; tradução: Daniel Vieira, Sandra Maria Mallmann da Rosa; revisão técnica: Fausta Camargo, Thuinie Daros. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2023.

Referências

ROSENSHINE, B. “Principles of instruction: research-based strategies that all teachers should know”. In: **American Educator**, v. 36, n. 1., Washington, 2012. pp. 12-19. Disponível em: <https://www.aft.org/ae/spring2012>. Acesso em: 21 ago. 2025.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo Paulista**: etapa Ensino Médio, 2020. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2020/08/CURR%C3%8DCULO%20PAULISTA%20etapa%20Ensino%20M%C3%A9dio.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

Identidade visual: imagens © Getty Images

Para professores

Slide 2

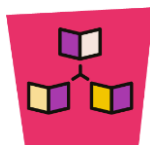


Habilidade: (EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Slide 3



Tempo: 3 minutos.



Dinâmica de condução: professor(a), faça a pergunta aos estudantes retomando a situação cotidiana de ver o Sol nascer. Mantenha a conversa no nível do rotineiro, utilizando a conversa como gancho para apresentar os problemas epistemológicos trazidos por Hume.



Expectativas de respostas: espera-se que os estudantes identifiquem que a certeza sobre o nascer do Sol não vem de uma prova lógica ou racional, mas da repetição: vimos acontecer tantas vezes que passamos a esperar como garantido. A discussão deve levar ao reconhecimento de que essa “certeza” é, na verdade, um hábito mental: a experiência acumulada gera expectativa, não necessidade lógica.

O ponto central é perceber que não há garantia formal de que o Sol nascerá amanhã. O que existe é uma regularidade observada no passado, e nossa mente projeta essa regularidade no futuro. Isso abre a questão sobre os limites do conhecimento empírico – o que sabemos de fato *versus* o que apenas esperamos com base no costume.

Slide 9



Tempo: 2 minutos.



Dinâmica de condução: professor(a), nessa pausa planejada, apresente a questão aos estudantes e solicite que pensem na resposta correta. Na sequência, peça que a turma vote na resposta correta. Em seguida, apresente a resposta correta. Esse momento é fundamental para tirar as dúvidas que surgirem sobre o assunto.



Expectativas de respostas:

“A relação de causa e efeito não é observável nos objetos, sendo resultado do hábito de associar eventos, o que torna o conhecimento baseado em probabilidades”.

Slide 11



Tempo: 5 minutos.



Dinâmica de condução: professor(a), na sequência da seção “Pause e responda” propomos uma questão sobre o pensamento filosófico de Hume no sentido de reforçar a sua perspectiva empirista. Trata-se de um item da prova do ENEM 2020. Apresente a questão aos estudantes e peça para que eles pensem no assunto e votem na resposta correta. Faça a votação, anotando as quantidades na lousa. Em seguida, apresente o slide com a resolução.



Expectativas de respostas:

D) A vivência dos fenômenos do mundo. No excerto, Hume afirma que não podemos, apenas pela razão, deduzir os efeitos das coisas (como a água sufocar ou o fogo queimar). Só aprendemos sobre as coisas e seus efeitos vivenciando os fenômenos. Portanto, o conhecimento humano deriva da vivência dos fenômenos do mundo.



Tempo: 5 minutos.



Dinâmica de condução: professor(a), leia com os estudantes os trechos selecionados, sanando dúvidas de vocabulário e entendimento. Apresente a pergunta. A resposta é simples pois eles devem apenas identificar. Contudo, verifique a necessidade de que os estudantes justifiquem as suas escolhas e compartilhem suas respostas e justificativas baseadas nas aprendizagens realizadas em aula.



Expectativas de respostas:

- Excerto 1: aborda a filosofia de Immanuel Kant.
- Excerto 2: aborda a filosofia de David Hume.

Slide 21



Tempo: 5 minutos.



Dinâmica de condução: professor(a), apresente as considerações aos estudantes, orientando que eles reflitam e se posicionem. Convide-os à manifestação voluntária, para que manifestem e socializem seus pontos de vista. Destacamos que essa manifestação não é obrigatória, uma vez que se trata de uma reflexão pessoal. Contudo, caso algum estudante demonstre interesse em se manifestar, acolha e valorize a sua iniciativa.



Expectativas de respostas: resposta aberta e pessoal. Contudo, é importante que os estudantes considerem as contribuições do pensamento filosófico de Hume, dialogando com essa perspectiva e concordando ou discordando dela.

Trilha de exercícios

Para esta aula, são indicados os exercícios **10 e 11 do bloco de conteúdo Impasses ético-políticos das transformações no modo de pensar**. Dentro desse conjunto, eles pretendem **consolidar e aprofundar** elementos. Esses exercícios podem ser feitos em casa, de forma autônoma pelos estudantes, ou você pode selecionar alguns para trabalhar em sala de aula.

A questão 10, de nível intermediário, parte de um texto escrito por Immanuel Kant e exige que o estudante o interprete para compreender um aspecto de sua filosofia.

A questão 11, de nível difícil, parte de um texto escrito por David Hume e exige que o estudante não apenas o interprete, mas também extrapole as informações fornecidas de modo a retirar uma conclusão acerca do pensamento de Hume.



Professor(a),

o tema sobre o problema do conhecimento é amplamente abordado no livro didático.

No livro didático *Filosofia (Moderna Plus)*, o tema sobre o problema do conhecimento a partir das contribuições filosóficas de Hume e Kant tem a sua abordagem contextualizada na **Unidade 1, capítulo 2 – O estudo da natureza a partir da Idade Moderna** (p. 38 a 67).

Para esta aula propomos, nos slides 8 e 14, a leitura de textos que se encontram nas páginas 52 e 53. O objetivo da leitura é convidar o estudante a pensar sobre como esses filósofos pensaram a questão do conhecimento. Caso considere interessante para uma melhor compreensão do tema, convide os estudantes para a leitura dos textos na íntegra.

Destacamos que a leitura dos textos na íntegra não substitui as orientações presentes no Material Digital.



O estudo da natureza a partir da Idade Moderna

O estudo da natureza na modernidade

Neste capítulo, você estudará as concepções sobre a natureza construídas ao longo da Idade Moderna e que atravessaram o imaginário das sociedades ocidentais contemporâneas, segundo as quais a utilidade da natureza se reduziria à oferta de recursos. Entretanto, há cada vez mais críticos a essa perspectiva exploratória, defendendo a necessidade da promoção de um desenvolvimento sustentável comprometido com uma visão de ser humano integrado à natureza e responsável com as futuras gerações. Na última parte deste capítulo, você conhecerá as ideias de alguns desses críticos.

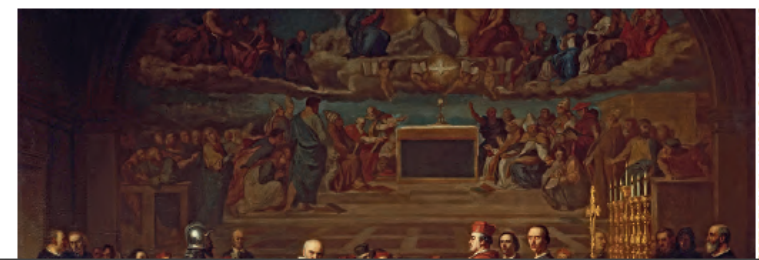
O modelo de racionalidade que se delineava na Idade Moderna, entre os séculos XV e XVIII, era caracterizado pela busca da libertação de crenças e superstições, fundando-se na própria subjetividade, e não mais na autoridade, fosse ela política ou religiosa. Nesse período, houve, portanto, um processo de modificação da imagem que o ser humano tinha de si e da concepção de universo, em razão da substituição da **teoria geocêntrica** – aceita durante mais de vinte séculos – pela **teoria heliocêntrica** (de acordo com a qual o Sol, e não a Terra, era o centro do universo).

A questão, no entanto, não era apenas científica. Ao examinar seu contexto histórico, percebemos que essas transformações radicais não se desligavam de outros processos igualmente marcantes: o crescimento das atividades comerciais, que propiciou o aumento da circulação de valores e informações; a constituição de novos centros urbanos e o fortalecimento da burguesia; a formação das monarquias nacionais na Europa Ocidental, criando condições para movimentos reformistas questionadores do poder centralizador da Igreja Católica; os aperfeiçoamentos técnicos e as inovações tecnológicas, que modificavam aos poucos a relação do ser humano com a natureza. Desse modo, formava-se um novo indivíduo, confiante na razão e no próprio poder de transformar o mundo.

O antropocentrismo – concepção de mundo presente no pensamento moderno, de acordo com a qual as ideias e teorias estão centradas no ser humano – causou forte impacto no modo como as pessoas interagiam com o ambiente. A definição do indivíduo como centro de interesses e decisões em sua relação com o mundo está presente, por exemplo, no **ideal baconiano** de controle da natureza, como você vai estudar.

Imagens em contexto

O cientista Galileu Galilei representou, na modernidade, a ruptura com um sistema de crenças e superstições. Na tela, produzida 200 anos após sua morte, Robert-Fleury compõe a cena do julgamento diante do afresco *A disputa do Santíssimo Sacramento* (cerca de





**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**